

PERSONALIDADE

Béjart diz que dança é janela para o céu



Cena da coreografia 'Ce Que L'Amour Me Dit', com os bailarinos do Béjart Ballet Lausanne, grupo dirigido por Maurice Béjart que está vindo ao Brasil: o clássico e o moderno precisam se misturar

Coreógrafo dá entrevista ao 'Estado', em Paris, depois da estréia de seu novo espetáculo

HELENA KATZ

Especial para o Estado

PARIS — O Béjart Ballet Lausanne estréia dia 5 de abril uma turnê por oito cidades brasileiras. Porto Alegre, Curitiba, São Paulo, Ribeirão Preto, Rio, Brasília, Recife e Belo Horizonte vão conhecer não apenas a nova obra, que estrou quinta-feira no Théâtre de Chaillot, como também outra criada especialmente para o Brasil. Não será a primeira vez: Béjart, que gosta muito do País, já estreou no Brasil *Les Chaises*, em 1981, com Laura Proença, e *1-7-8-9*, em 1989, versão para balé em homenagem aos 200 anos da Revolução Francesa.

Se hoje o balé tem um público grande, deve isso também a Maurice Béjart. Foi ele quem, nos anos 60 e 70, popularizou a dança. Trouxe uma noção diferente para a teatralização do gesto, que caiu no gosto de todas as platéias. A sua *A Sagração da Primavera*, criada em 1954, selou uma estética que ele desenvolveria em mais de 200 balés. Antes, em 1955, quando coreografou e dançou *Symphonie Pour Un Homme Seul*, com Simone Signeuret, já chamava atenção. Havia nele uma vocação para traduzir de maneira pessoal o século em que vivia. Quando foi convidado a fundar uma companhia em Bruxelas, em 1960, não teve dúvidas: batizou-a de Balé do Século 20.

Com ela, visitou várias vezes o Brasil, de 1963 até 1984. Cinco anos depois, voltou com a companhia que fundou em Lausanne (Suíça), a mesma com que fará a próxima turnê, a Béjart Ballet Lausanne. Sem Jorge Donn ("Ele foi o grande amor da minha vida") e com Gil Roman como grande estrela. Béjart estreou uma obra sobre aids, juventude e futuro: *Le Presbytère n'a Rien Perdu de Son Charme, ni le Jardin de Son Eclat* (O presbitério não perdeu nada do seu charme, nem o jardim do seu esplendor).

Quem conhece a carreira sabe da sua afeição por títulos assim. Esse foi tirado do livro de Gaston Leroux, *O Mistério do Quarto Amarelo*. Tem figurinos e cenários de Gianni Versace ("O que distingue Gianni de todos é sua generosidade") e música do Queen e de Mozart ("Sou fã do Queen há mais de 15 anos e Donn adorava Mercury"). Com Versace, Béjart trabalha há 17 anos, desde o dia em que se conheceram no Scala de Milão e o estilista lhe disse que queria criar figurinos para ele. Béjart ligou, comentou sobre um personagem de um futuro balé e, no dia seguinte, recebia os croquis de Versace.

Com o Queen, o relacionamento foi tão intenso que, na inauguração da estátua que a cidade de Montreux ofereceu para Freddy Mercury, apenas dois artistas foram convidados: Béjart e



Montserrat Caballé. Béjart conta que não teve dúvidas em criar o balé quando olhou para a capa do último CD do grupo: era a mesma paisagem da varanda do chatô escolhido por ele para Jorge Donn viver seus últimos dias. "Confio muito nesse tipo de coincidência", disse.

Em Paris, apenas na noite da estréia, Elton John veio cantar *The Show Must Go On*, a música que encerra o espetáculo. A reação foi a esperada: uma ovação. Ainda cansado da emoção da noite anterior, Maurice Béjart conversou com a reportagem do Estado numa suíte do Hotel Ritz, em Paris, onde está hospedado.

Estado — Como é a dança de Béjart aos olhos de Béjart?

Maurice Béjart — Ela se distribui por períodos muito diferentes. Estou sempre mudando, porque só se pára quando se morre. A evolução, a mudança, isso é o natural da vida. Mas não se pode esquecer que existe também uma constante de estabilidade, sem a qual as transformações não podem ocorrer. Sei que a palavra Béjart é uma marca hoje, mas na verdade não sei quem sou. Porque sou aquele jovem de 20 anos que era bailarino e também aquele outro jovem de 32 anos que fez *A Sagração da Primavera* e o coreógrafo de 70 anos com mais de 200 obras encenadas. Tudo o que sei é o que sou agora às 16h20 deste sábado, nesta tarde no Ritz. Em uma hora, tudo pode mudar.

Estado — Algum desses Béjarts lhe é mais caro que os outros?

Béjart — A personalidade é algo do imaginário. Depende de onde se nasceu, dos amigos que se teve e se tem, dos lugares onde se viveu e vive, depende de muita coisa. Somos todos muito diferentes por isso. Traço todos os meus personagens comigo. É como esse braço aqui. Ele é meu, mas não me reconheço só nele.

Estado — O tema da morte já inspirou outras obras suas?

Béjart — Seis meses atrás, remontei um balé que criei há 30 anos, a *Missa para o Tempo Presente*. Não lembrava direito da coreografia, mas há um excelente filme dela em Montreal. Fui lá, comecei a ver o filme e me dei conta de que os três bailarinos da primeira cena morreram de aids. Na cena seguinte, dos 14 rapazes, 11 também morreram. Cada época tem a sua condenação.

Estado — E o futuro?

Béjart — Já comecei minha nova criação, a que vai estrear no Brasil. Seu nome provisório é *Barroco Bel Canto*. Estou usando música de Haendel, Vivaldi e de compositores pouco conhecidos como Hesse e Zupoli. Fiquei sabendo que os jesuítas levaram alguns deles para a América do Sul. A obra de Zupoli que escolhi, por exemplo, foi composta em Lima, no Peru.

Estado — E o projeto com a companhia de Martha Graham?

Béjart — Começamos agora em fevereiro. Vai ocorrer em duas partes: primeiro, os bailarinos vêm a Lausanne e depois vou a Nova York acabar a montagem. Desde a primeira vez que encontrei Martha Graham, temos esse plano. Na última, no Festival de Veneza, passamos uma tarde inteira definindo como seria.

Estado — Não o assusta trabalhar com corpos de bailarinos treinados em outra técnica?

Béjart — Para mim, a dança é uma coisa só. Não importa se é clássica, africana, popular ou contemporânea. Cada vez que um bailarino me diz que é uma dessas coisas, penso que devemos investir numa mistura de técnicas que acaba com essa separação. A escola que inventei em 1970, em Bruxelas, a Mudra, tinha esse objetivo. A própria Martha, que inventou uma técnica própria, não estudou balé antes?

Estado — Mas as especificidades de cada técnica não dificultam isso?

O Ballet Lausanne, da Suíça, dançando a coreografia 'Le Mandarin Merveilleux', uma das 200 do repertório de Béjart: "Cada época tem a sua condenação", diz Béjart, um criador com a vocação de traduzir o seu tempo



O bailarino e coreógrafo Maurice Béjart, um dos grandes nomes da dança moderna, que completou 70 anos e estréia nova peça no Brasil: "Dança é a combinação de tempo com espaço: a música é o tempo e o movimento ocupa o espaço"

Béjart — Estive no La Vilette, nas comemorações dos 20 anos do Ensemble Intercontemporain de Pierre Boulez. O grupo tocou quatro obras completamente diferentes. Se o mesmo clarinetista toca no mesmo clarinete uma peça de Eliot Carter e de Bach, porque o mesmo não pode ocorrer na dança? Clássico e moderno precisam se misturar. Os grandes criadores não têm outra coisa e Forsythe é um deles.

Estado — A sua escrita coreográfica, desde o início, buscou misturar o balé clássico com outras culturas.

Béjart — É verdade. Para mim, a dança é uma janela aberta para o céu. Tudo pode entrar. Dança e a combinação de tempo com espaço: a música é o tempo e o movimento ocupa o espaço. Se eu der uma marcação rítmica para a cadeira (*pega uma e sacode*) e para esta garrafa (*com a outra mão, fica batendo a garrafa sobre a mesa enquanto cantarola*), porque não poderia dizer que estou criando uma dança com esses elementos, agora?

Estado — Num corpo humano isso não obedece a outro tipo de lei física?

Béjart — Eu acredito numa unidade básica. Não se deve insistir numa formação de especialidades. Isso fragmenta. Do Mudra, sei, por exemplo, uma Maguy Marin, que fez danças muito diferentes das minhas. Até Pina Bausch me disse, há pouco, que também foi minha aluna na época anterior ao Mudra, quando eu ainda dava estágios para bailarinos. Ela fez questão de participar da homenagem que recebi, quando fiz 70 anos, no início do mês, e criou um solo para Dominique Meray de presente para mim.

Estado — O senhor costumava dizer que os balés antigos não deveriam ser remontados. Qual a explicação para a reencenação de uma obra como a *Missa do Tempo Presente*, que tem 30 anos?

Béjart — Simplesmente não há. A não ser o fato de que não existe imbecil que deixe de se contradizer (*cai na gargalhada*).



Cena de 'L'Art du Pas de Deux': uma nova teatralização do gesto